



TRIBUNA Livre

8
Setembro
1956

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

Editor: PAULO BARBOSA DE MACEDO

Director: ANTONIO JOSÉ DA COSTA

Redactor: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRM. OS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: — LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR — TEL. 62113 — AMARES

Doutrina Corporativa

I

O Corporativismo, como Sistema Puro de Organização Social

A experiência portuguesa do corporativismo, como doutrina, tem feito refletir o mundo, dadas as circunstâncias que impõem este novo regime como sistema orgânico que, sem diminuir o indivíduo nas suas liberdades essenciais, o ajuda a resolver, com grande eficácia, os problemas sociais da nossa época, evitando o entrechoque das clássicas teses dos sistemas individualista e socialista.

No parecer da Câmara Corporativa acerca da proposta de lei sobre a criação das nossas primeiras corporações, apelida-se o corporativismo, não como solução intermédia entre aquelas duas teses mas, tão somente, como um terceiro sistema doutrinário puro, com carácter autónomo, sem compromisso algum com os referidos dois sistemas, o que não acontece com as fórmulas ensaiadas

pela maior parte dos países ocidentais, com as quais se detem na encruzilhada «individualismo-socialismo», procurando negar os princípios socialistas, mas aproximando-se dos seus fins com soluções de «socialismo mitigado». Conclui-se portanto, naquele parecer erudito pela existência de três sistemas puros de organização social: o sistema individualista, o sistema socialista e o sistema corporativo.

Se bem que, o corporativismo não seja coisa nova entre nós — pois foi adoptado desde o século XII a meados do século XIX, bem como em outros países — com carácter doutrinário tem tido Portugal como pioneiro. Pode dizer-se que, com a criação das corporações, concluímos o ciclo doutrinário do corporativismo, já previsto na Constituição de 1933 e no

Estatuto do Trabalho Nacional, mas doutamente esclarecido por Salazar, há dez anos, na Primeira Conferência da União Nacional, em que afirmou: «é tal a complexidade das sociedades civilizadas, são tão numerosos e intrincados os interesses materiais e morais que nelas se movimentam, tão necessárias uma direcção superior e uma acção arbitral para derimir conflitos possíveis, que bem parece não poder o Estado exercer a sua acção independentemente de duas condições: a primeira, a existência de uma organização social-base, estranha e independente de qualquer outra organização, destinada a criar um órgão político de representação; a segunda, a reforma do Estado no sentido de se aproximar ou, melhor, de incorporar em si mesmo essa organização. Sou assim levado a crer que a solução do problema enunciado acima vai impor no futuro um tipo de Estado no qual o conjunto dos interesses da Nação, integralmente organizados, tenha representação efectiva e directa por in-

(Continua na 4.ª página)

Festas e Romagem à Senhora do Alívio

Vão realizar-se as festas e romagem à Senhora do Alívio.

Eco longínquo do concelho de Vila Verde, a sua origem perde-se na tradição dos tempos. É, pois, motivo de orgulho para todos os Vila Verdeses possuir adentro dos seus muros a Senhora do Alívio. O Templo em que se venera a Excelsa Senhora, já de si vasto e condigno, está a sofrer melhoramentos de excepcional vulto. Trabalha-se com efeito, na construção da majestosa cúpula que o há-de igualar, quicá distinguir, de outros templos Marianos.

Eis o programa a observar neste ano:

PROGRAMA

No dia 8 de Setembro: Missa às 8 horas e distribuição da Comunhão; As 17 horas (5 da tarde). TERÇO E BENÇÃO EUCARÍSTICA; Ao anoitecer algumas girandolas de fogo anunciarão a continuação das romagens ao San-

tuário de Nossa Senhora do Alívio; A fachada do templo será profusamente iluminada.

No dia 9, segundo Domingo de Setembro: Às 10 horas, MISSA SOLENE A GRANDE INSTRUMENTAL; As 16 horas (4 da tarde), TERÇO SERMÃO E BENÇÃO EUCARÍSTICA E Soleníssima Procissão em honra da Nossa Senhora do Alívio, em que tomam parte as Cruzadas Eucarísticas, Associações e Confrarias da Freguesia; Concertos musicais no dia 9.

Dia 16, terceiro Domingo de Setembro: Imponente Peregrinação de todas as freguesias do Concelho de Vila Verde. À chegada da Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora do Alívio, pelas 12 horas, ALOCUÇÃO aos Peregrinos e MISSA CAMPAL com cânticos.

Em seguida descanso, podendo os peregrinos aproveitar este espaço de tempo para cumprir as suas pro-

(Continua na 4.ª página)

O Périplo de África visto do «Vera Cruz»

Luanda e Lobito

(Por Paulo B. M.)

No dealbar do dia 18 atracava o «Vera Cruz» a Luanda, capital da nossa província de Angola, saudado por uma multidão entusiasmada.

O aspecto de Luanda, vista de barco, não denuncia suficientemente a grandiosidade e a beleza da cidade. Já o porto apresenta-se como moderno e amplo, confortável e bem equipado.

A sua baía, de largas dimensões, está a ser beneficiada com inúmeras construções subordinadas a um plano de urbanização notável com linhas elegantes idênticas às dos grandes portos do mundo. Vêm-se em construção prédios de 10 andares e estão à venda terrenos numa extensão de mais de 1 quilómetro e nos quais os prédios deverão ter pelo menos de 6 andares.

Por toda a cidade estão a ser construídas grandes e belos edifícios e bairros de centenas de habitações, estes por conta do Estado, e de tal maneira é rápido esse desenvolvimento que a Câmara não pode acompanhar o ritmo das construções com o pavimento, saneamento e outros arranjos da sua competência e por isso se vêem ruas que somente cortadas já têm os edifícios feitos.

A procura de terrenos é enorme e surpreende a expansão da zona da cidade segundo o respectivo plano numa afirmação da grandeza que se espera venha a atingir em breve, e tão breve que muitos se encontram já divididos e vendidos.

Já depois de sairmos da cidade foi preciso percorrer cerca de 15 quilómetros para chegarmos ao limite dos terrenos destinados a construções o que leva a crer que nenhuma cidade do continente construa no ritmo desta nossa Luanda, não sendo descabida a hipótese ouvida com frequência, de que dentro de 6 anos teremos aqui a segunda cidade do império.

Lá vimos a exploração do petróleo do poço que se situa a 30 quilómetros do Porto e o seu transporte em carros tanques que o levam para os depósitos da Petrofina e a tubagem dos condu-

tos que estão e ser preparados para ser conduzido aos depósitos.

É também de grandiosidade o panorama que nos oferece o campo de Aviação subordinado como tudo que vimos, a um plano geral de grande visão.

O Castelo, simbolizado das descobertas, alberga no seu seio um rico museu, espelho fiel do passado e do presente.

Do programa constas sempre a visita a uma plantação e desta vez foi escolhida uma que tem por denominação «tentativa».

Noracinho visitamos «Cacuaco», lugar aprazível, debruçado sobre a baía com bares elegantes e ricos onde se servem os mais variados

(Continua na 4.ª página)

A Televisão nasce em Portugal

Com a emissão das primeiras imagens da Televisão Portuguesa, captadas na passada terça-feira, nasceu a T. V. no nosso País. Num grande estúdio instalado na Feira Popular foi captada a recepção dos jornalistas dos Diários de Lisboa e Porto e da Imprensa estrangeira e um documentário sobre a Exposição de Ourivesaria Portuguesa, efectuada em Londres, imagens do último Campeonato da Europa e do mundo de hóquei em patins e de outras importantes competições desportivas e por fim um filme sobre Lisboa, etc. Foi uma coisa nunca vista para muitos, e que despertou aquele natural interesse que as novidades provocam.

Inaugurando emissões de pequeno raio de acção, a R. T. P. procura adestrar o seu pessoal nas diversas especialidades e familiarizar o público com a T. V.. Num pavilhão da Feira Popular, com câmaras e estúdios improvisados, encontra-se toda a aparelhagem de ensaio necessária para as emissões.

Em vários «stands», os negociantes de aparelhos receptores fazem exposições das marcas que representam.

Por toda a cidade há aparelhos que apresentarão ao público as primeiras imagens.

Quando chegará até nós? Já faltou muito mais!

TRIBUNA AGRÍCOLA

Resinagem

Continuação do última página agrícola

11—Cada ferida praticada fora das dimensões legais será punida com as seguintes multas:

Na largura	Na profund.	Multa
Até 12 cm.	Até 2 cm.	3\$00
Até 14 cm.	Até 3 cm.	6\$00
Mais de 14 cm.	Mais de 3 cm.	20\$00

12—Por cada incisão aberta sem autorização da D. G. S. Florestais e Aquícolas, em pinheiros de diâmetro inferior a 30 cm. que não tenham sido resinados nas campanhas anteriores, a multa será de Esc. 50\$00.

13—Por qualquer outras infracções a multa será de Esc. 6\$00.

14—Será desmontada a exploração das feridas encontradas em transgressão, e consideradas em reincidência e punidas com o dobro da multa, àquelas que forem novamente montadas e exploradas.

15—Pelo pagamento da multa responderão solidariamente os proprietários ou possuidores dos pinheiros, os industriais a quem se destinar a gema e os resineiros.

16—Se o proprietário tiver celebrado contrato escrito nos termos da lei, antes de iniciada a resinagem, ou feito a participação à Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas das feridas ilegais, antes de verificadas pela fiscalização, estará isento da responsabilidade pelo pagamento das multas. Só nestas condições, o proprietário não prejudicará o direito que tem de haver o preço ajustado para a exploração das feridas, mesmo quando estas forem desmontadas pela Fiscalização por estarem ilegais, ainda que tal se verifique no começo da exploração. Convém, pois, que o contrato seja celebrado antes do início da resinagem, isto é, antes do descarrasque, que pode ser feito no mês de Fevereiro.

17—Serão apreendidos e vendidos em hasta pública a resina e barris que a contiverem, provenientes das resinagens ilegais, para garantia do pagamento das multas.

18—Quando a resinagem não seja feita pelo proprietário ou da sua conta, todas as pessoas que, sem

estarem devidamente inscritas aluguem pinhais, por sua conta ou por conta de outrém, ou trabalhem na extração da gema, serão punidas, mesmo que as incisões estejam nas condições legais, com a multa de Esc. 6\$00 por ferida, podendo ser-lhes apreendida e vendida a gema para garantia do pagamento daquela multa.

19—Quando a exploração for feita por conta do proprietário, será este o responsável pelas transgressões e pelo pagamento das respectivas multas.

20—A exploração da resinagem só pode legalmente

efectuar-se por conta dos proprietários de pinhais ou de industriais de produtos resinosos.

21—São proibidas de alugar pinhais para resinagem ou trabalhar na extração da gema, por conta dos industriais, todas as pessoas que, por eles, não tiverem sido devidamente inscritas.

22—Logo, não devem os proprietários permitir que trabalhe na resinagem senão o pessoal munido de documento oficial comprovativo de actuar por conta dos industriais, nem podem, de resto, no seu próprio interesse, alugar os seus pinhais senão aos próprios industriais ou às pessoas que também por documento oficial, a tanto se mostrem autorizadas.

Da Direcção-Geral dos serviços Florestais e Aquícolas

A VIDEIRA

Cuidado com o cair

das folhas no Outono

É sabido que, chegados os primeiros frios do Outono, a videira principia normalmente a despir-se da folha, prosseguindo a queda em ritmo idêntico todos os anos. A época em que este fenómeno se verifica embora regulado pelo decorrer da estação—mais ou menos fria, pouco difere, no entanto, de ano para ano.

Quando se verificam ataques intensos de mildio ou qualquer outra doença similar, então, por este motivo as folhas podem cair prematuramente. Abstraindo, porém, destes casos, sem causa aparente algumas vezes, o cair das folhas na videira, antecipa-se e não raro bastante: as da base dos sarmentos, principiam a mudar de cor, escurecem ou tornam-se avermelhadas, apresentam manchas aqui e além, secam nos bordos e depois caem, enquanto que as da extremidade, mais novas, continuam verdes, e sem qualquer indício de alteração. Este facto quando se verifica, já seguras indicações da necessidade que a vinha tem de ser adubada; é sobretudo frequente notar-se nos anos de produção abundante, não sendo difícil encontrar-lhe explicação, como vai ver-se.

O bago desenvolve-se à custa dos elementos nutritivos que lhe são fornecidos pelas folhas e ainda pelas raízes da planta. Se a frutificação ultrapassa o normal e aqueles elementos não lhe são fornecidos em quantidade suficiente, a parte que lhe é necessária sai

da própria cepa, que, assim, se enfraquece, se esgota, não podendo, gastos os recursos próprios, alimentar convenientemente as folhas que depois secam e caem, fora do período normal, o que, por sua vez mais apressa o enfraquecimento da planta pela eliminação de órgãos indispensáveis à elaboração dos elementos absorvidos do solo pelas raízes. É desta forma o esgotamento ou enfraquecimento da videira acentua-se.

Este depauperamento de vegetal pode não o levar—geralmente não leva—à morte; mas arrasta sempre desastrosas consequências para a produção do ano seguinte, que será diminuta ou mesmo nula. No entanto o viticultor tem na mão obviar aquelas desastrosas consequências do esgotamento das suas vinhas, fornecendo com largueza adubos que lhe permitam refazer as perdas ocasionadas por aquela produção abundante, origem da queda prematura da folha. E deverá agir sem demora porque, todos o sabem uma vinha esgotada, enfraquecida, se não for prontamente tratada leva anos, em alguns casos, muitos, a refazer-se.

Sem requerer os adubos potássicos, se o terreno indicar ser parcamente previsto de potassa; convirá recorrer aos adubos fosfatados e azotados, escolhendo de uns e outros os que forem de mais rápida assimilação.

Em resumo: quando ao aproximar-se o Outono, se note a queda prematura das folhas

VINDIMAS

Cuidados com as adegas

e utensílios delas

As adegas devem estar varridas, bem arejadas, as paredes bem limpas e caiadas, e sem teias de aranha nos tectos ou em qualquer canto. As adegas onde se fabrica o vinho devem estar separadas, sempre que seja possível, das adegas onde o vinho se conserva. Os sítios onde se faz água-pé e onde se faz e se conserva o vinagre, devem sempre estar isolados das adegas anteriormente indicadas. Todos os utensílios que servem para o fabrico e arrecadação do vinho, bem como para o seu transporte, devem estar sempre muito bem limpos e secos, de modo a não criarem bolores. Convém evitar, tanto quanto possível, os utensílios de ferro. Todos os utensílios vinários, tintas celhas, potes, lagares, depósitos, vasilhas, bombas, esmagadores, prensas, crivos, etc. devem ser cuidadosamente lavados em diversas águas antes de começarem a servir na vindima e logo depois de esta acabada. As bombas e mangueiras de trasfega devem ser muito bem lavadas: primeiro com água em que se deite uma certa dose de metabissulfito (50 gramas em cada 100 litros de água), e depois com água simples. É absolutamente preciso fazer isto antes de começar o trabalho e depois de este terminado. Nunca se deve deixar ficar depositada, no fundo duma vasilha, a água com que esta foi lavada, nem se deve permitir que ela seque, isto para evitar o gosto a podre. As vasilhas, quando vazias devem estar sempre fechadas, depois de mechadas, deve-se-lhes dar mecha de dois em dois meses. Os depósitos novos não devem receber vinho ou mosto sem que sejam lavados em repetidas águas e pintados cuidadosamente, por dentro, com uma solução de ácido tartárico, na razão de 2 quilos a 2 quilos e meio de ácido tartárico, para 10 litros de água quente. Esta pintura deve-se repetir, pelo menos duas vezes, com o intervalo de 48 horas. E, seguidamente lavados com águas abundantes, secos e mechados. Estas soluções de ácido tartárico podem ser substituídas por

duas ou tres pinturas feitas com silicato de potassa na razão de 3 litros de silicato de potassa para 7 litros de água. Depois lava-se igualmente em repetidas águas, seca-se e mechá-se. As vasilhas que tenham bolores pela parte de fora, devem ser lavadas e esfregadas com água de cal para dar cabo dos bolores, os quais passam facilmente para dentro das vasilhas. Em todas as adegas deve haver uma vasilha com água, onde o pessoal que ali trabalha se deve lavar todos os dias, antes de começar a trabalhar. É muito vantajoso queimar enxofre dentro das adegas, fechando-se as portas e janelas das mesmas, de noite, durante as vindimas e depois que estas estão terminadas. Com isto faz-se fugir os mosquitos e outros insectos que são um perigo para o vinho.

Depois da debulha

Depois de realizada a colheita e debulhado o cereal muitos lavradores veem-se perante imensas pilhas de palha sem saber bem o que delas poderão ou deverão fazer.

Queimá-las?

É solução pouco recomendável e só justificada num muito reduzido número de casos.

Vende-la?

Unicamente caso se consiga comprador e o preço seja com pensador.

Transformá-la em estrume artificial?

Esplendida solução se realmente o lavrador dispuser dos meios necessários àquela transformação.

Enterrá-la?

Se não não necessitar de toda a palha para o gado, esta solução é sem dúvida a mais económica.

Mas neste ultimo caso é preciso ter em atenção que se torna necessário incorporar ao solo um fertilizante azotado, como o Sulfato de Amónio (nas regiões secas) ou a Cianamida (nas regiões húmidas.)

Porquê?
a) Para acelerar a decomposição da palha no solo—o adubo azotado activa o trabalho dos microorganismos.

b) Para evitar o efeito depressivo da palha nas culturas pois que o azoto que a terra disporia seria utilizado com

(Continua na 5.ª página)

TRIBUNA do CONCELHO

JUSTO AGRADECIMENTO

Quando o "Vera Cruz," aportou a Luanda, a fidalga capital de Angola, e quando os nossos olhares se entretinham na admiração dessa grande cidade, fomos surpreendidos pelos nossos conterrâneos e amigos irmãos José e Manuel Alves Martins e irmãos Almeidas que nos cumularam de atenções, e que sabiam, pelo nosso jornal, da nossa visita.

Carros à disposição, com eles percorremos a cidade no que ela tem de antigo e moderno, de pequeno e de grande, de imponente e vulgar.

Finalmente, e não satisfeitos com o que haviam feito ofereceram-nos e a um grupo de amigos nossos, um lauto almoço, na sua aprasível chacra, fora da cidade, servido maravilhosamente, onde não faltaram os nossos vinhos, incluindo o espumoso e as especialidades da terra cudiamentadas com o traço de "chibombo".

Traindo-nos, levaram-nos ainda ao "Cacuaco," cuja descrição já fizemos e onde nos serviram os mais deliciosos e variados mariscos.

Regressados novamente esperava-nos a famosa "Chorascada"—frangos assados na agulha, muito saborosos e piquetes.

Sentimo-nos honrados com as atenções e orgulhosos por vermos aqui conterrâneos nossos que pelo seu trabalho conseguiram posição de destaque no comércio e indústria locais. Casas montadas e em construção, plantação de café, padaria, chacra, organizações de comércio e indústria formam um conjunto de valores que demonstram a produtividade do seu trabalho.

Dentre as referências elogiosas para o nosso jornal, destaquemos as feitas ao nosso Chefe de Redacção, o "grande obreiro deste semanário,"

P. B. M.

Ferreiros

Quando se fazia passar por comprador de vinhos foi preso pelo regedor desta freguesia, José Matos da Silva, da freguesia de Esmoriz, Famalicão.

Primitivamente identificou-se como sendo Manuel Gonçalves e faltou ao respeito devido à autoridade no momento da detenção.

Barreiros

Por extrair água do Rio Cávado, com uma bomba acionada por uma azenha, foi autuado por um guarda rios da Direcção Hidráulica do Douro, José Joaquim de Barros Velloso, casado, proprietário, residente no lugar de Vilar, desta freguesia.

Dornelas

Laurinda Rosa Caldas, viúva, foi agredida por Oscar António da Silva, viúvo, do lugar do Pardieiro, desta freguesia. Desta agressão resultou ficar ferida a Laurinda com uma pequena escoriação no nariz.

Novos assinantes

Por, intremédio do nosso illustre assinante Sr. António de Barros Gonçalves, conceituado comerciante na praça de Lisboa, tivemos a honra de inscrever como novo assinante o Sr. Abílio da Cunha Alves, da Padaria Primavera, em Lisboa.

Gratos pela sua indicação.

Bouro

Festa do tríduo e comunhão solene das crianças

Realizou-se no pretérito Domingo, na Igreja Paroquial desta freguesia, a habitual festa do Tríduo e juntamente a Comunhão Solene das crianças que revestiu de grande brilho a festa realizada.

As práticas preparatórias (a cargo de um distinto orador) foram muito concorridas, como, aliás todos os anos acontecem.

No sábado, á noite, houve uma imponente Procissão de Velas, na qual tomaram parte muitos fiéis desta e de outras freguesias.

Nela seguia um andor devidamente ornamentado com a Imagem do Sagrado Coração de Jesus, sendo este iluminado por meio de pilhas, para melhor destacar a Imagem transportada.

Verificaram-se ainda muitas confissões e comunhões.

O que o bom condutor não deve fazer

Quando no passado sábado, por volta das 22 horas, seguia na estrada nacional a Procissão de Velas, que aqui se realizou, apareceu no mesmo sentido um automobilista, que de qualquer modo procurava ultrapassá-la. Conseguiu passar as senhoras, que seguiam na retaguarda e tentou continuar, mas surgiu-lhe a Banda de Música, que não abreu o ca-

Vida elegante

Aniversários

Na passada Sexta-feira, o Sr. Alberto Dias Antunes;

Segunda-feira—A Sra. D. Almerinda dos Prazeres Fernandes;

Terça-feira—O Sr. Alberto Ramos de Azevedo;

Sexta-feira—A Sra. D. Alcinda Fernandes, actualmente no Brasil.

Notícias pessoais

Esteve na nossa redacção o sr. António de Barros Gonçalves conceituado comerciante na praça de Lisboa e natural de Prozelos.

É um dos nossos assinantes que mais tem trabalhado pela expansão deste semanário emprestando-lhe o melhor do seu esforço na sua divulgação.

Ainda agora nos indicou o nome de mais assinantes aumentando assim a sua já grande relação de angariações.

Encontra-se de férias, em Esposende, sua terra natal, o sr. António Gomes da Silva Briote, distinto comandante da G.N.R. no nosso concelho. Desejamos-lhe boas férias.

Seguiu ontem para Lisboa, de onde seguirá para os Estados Unidos da América do Norte, de avião, a Sr.^a Dona Carolina Antunes, esposa do Sr. Felisberto António Barbosa de Macedo, digno sócio da firma "A Modelar".

Desejamos-lhe boa viagem e muitas felicidades.

minho, e aquele condutor chegou ainda a tocar por duas vezes com o para-choque do carro num dos elementos da Banda, para que lhe fosse dada a passagem.

Houve exaltação, e o cortejo parou. Pessoa competente foi advertir o condutor do erro que cometia, e este alegou que tinha bastante pressa, motivo que o levou assim a proceder. Se assim era, bastaria que ele falasse, por exemplo: com o R.º Pároco e o caminho tornar-se-ia desimpedido, evitando assim o aborrecimento de esperar, como esperou que a Procissão desse a volta.

Com modos pacíficos tudo se resolve, e à violência... tudo se complica.

Casamento

No passado dia 1, efectuou-se no Santuário de Nossa Senhora da Abadia, o laço matrimonial do nosso conterrâneo e grande amigo Senhor Adriano Manuel Leite da Silva Feixa, filho da Ex.^{ma}

Santa Filomena

Por A. Gonçalves Pires

Por mercê de Deus e zelo de almas dedicadas, aumenta, progressivamente, a devoção a Santa Filomena.

A laboriosa e progressiva freguesia de Prozelos, Amares, promoveu e realizou no passado dia 26 uma festa, altamente educativa, em sua honra.

Está ali canonicamente erecta a Arquiconfraria, em que se têm inscrito milhares de pessoas dos concelhos de Amares, Braga, Barcelos, Famalicão, Guimarães, Vila Verde, Porto Lisboa e até das ilhas adjacentes e da África, desejosas de homenagear Santa Filomena,

de que receberam muitos favores e esperam ainda mais.

Foi a festa precedida de pregações, em que o Sr. Padre Sebastião da Costa Campos, Reitor de Mouquim, dissertou largamente, sobre a vida e milagres da gloriosa taumaturga.

O Reverendíssimo Sr. Abade, Padre José Miranda, preparou as crianças da freguesia para a comunhão solene, no que foi eficazmente coadjuva-

(Continua na 4.ª página)

Paredes Secas

Apresentou queixa no Posto da G.N.R. deste concelho, Domingos José Marques, casado, proprietário, desta freguesia, contra Armindo Rodrigues «O Bonitinho», solteiro, residente no no lugar do Roupeiro, da freguesia de Caires, acusando-o de ter invadido uma sua propriedade levando daí um saco de cebolas tendo sido preso em flagrante delicto.

O Armindo, segundo queixa do Domingos José Marques, já é habitual no cometimento dos crimes desta espécie.

HUMORISMO

No consultório

Vai melhor? perguntou o médico ao doente.—Sim doutor. Segui à risca o que estava indicado no frasco do remédio que me receitou.—Muito bem E qual era a indicação?

—Conserve este frasco bem fechado.

De malucos

Os malucos brincam às guerras.

E o «soldado» diz ao capitão:

—Meu capitão fiz um prisioneiro.

—Onde está?

—Ele não quis vir!

Ofensa

Em certo clube inglês um sócio volta-se para o director e diz-lhe.

—Senhor Director, ali o Antunes chamou-me burro velho.

Que é que eu hei-de fazer?

—Olhe que não sei!—respondeu calmo, o director—não sou veterinário...

Sou analfabeto

Gostas de mim minha filha, meu amor?—O filho, não o lês nos meus olhos?—Não! Sou analfabeto.

«P. Américo e a sua obra»

Conferência feita pelo Rev. Alexandrino Brochado, num dos Salões do Grande Hotel de Caldelas.

Caldelas, 3—Realizou-se, ontem, pelas 22 horas, num dos amplos Salões do Grande Hotel de Caldelas, uma conferência pelo Rev. Alexandrino Brochado, que versou sobre o tema «Padre Américo e a sua obra». O auditório, seletto, e em elevado número, muito aplaudiu o distinto orador, e por sugestão deste e completa concordância dos presentes, fez-se a recolha de donativos que deu o resultado de 2.134\$00, importância esta que se destina ao património «dos pobres» e vai ser entregue à «Casa do Gaiato» de Paços de Sousa. C.

Senhora D. Petronila Leite Ribeiro, digníssima professora Oficial aposentada, com a senhora Maria Izabel David Pereira, filha do Senhor Jaime Viegas Pereira, distinto funcionário da Hidro Eléctrica do Cávado, e da Senhora Amélia Barata Salgueira Pereira.

O R.º Capelão do Santuário, fez aos noivos uma breve mas brilhante alocução com o pretexto de uma nova vida repleta de felicidades.

Ao acto assistiram várias pessoas de grande destaque, pois o noivo (digno filho desta terra), é pessoa que goza excelente reputação.

O almoço teve lugar na sua residência.

No final foram apresentados aos noivos os sinceros votos de muitas felicidades seguindo estes em viagem nupcial.

«Tribuna Livre» deseja ao novo lar uma brilhante carreira.

C.

Doutrina Corporativa

(Continuação da 1.ª página)

termédio dos próprios interessados. Não desejava que nos considerassem precursores, mas é aquilo mesmo que temos procurado fazer».

Isto é o que acaba de ser feito com a criação das primeiras corporações. Pela forma como temos visto confundir e amalgamar o nosso sistema governativo com toda a mescla de credos políticos, acusando-o por vezes de totalitarismo, apelido este que é, para nós, o mais afrontoso de todos reclama-se um esclarecimento sério do opinião pública através de todos os meios de publicidade, para que não sejam induzidas em erro pessoas de boa fé.

Quando no pós-guerra se hasteou o pendão da democracia, com todas as honras, surgiu a coqueluche democrática e todos se quiseram apelar como tal, abrangendo então essa palavra vã os credos políticos mais antagónicos, desde as democracias populares às mais individualistas ou liberais e, nessa altura, apontou Salazar, o nosso corporativismo como «democracia orgânica».

Este lugar comum democrático, em que nada se define mas, pelo contrário, desde então tudo se confunde, denuncia sobejamente a época de transição política que atravessamos, em que as duas antagónicas e clássicas concepções políticas—individualismo e socialismo—se debatem mortalmente.

Ora o corporativismo português, além de não se identificar com qualquer destes credos, de experiência política que foi, passou já à sua fase definitiva e atingiu a maturidade necessária para se impor, pelo menos entre nós, como realidade palpável e autónoma, entre as duas apontadas fórmulas, com tese política diferenciada, que constitui, como apontamos, o terceiro sistema puro de organização social.

Esta nova fórmula política, pondo a corporação de premeio entre o indivíduo e o Estado, afasta os excessos verificados nos outros dois sistemas.

O espírito esclarecido de Salazar, ao procurar remédio para as feridas abertas entre nós pelo liberalismo individualista implantado pela constituição de 1911, já que lhe não agradaram os ultrapassados conceitos liberais, também, por índole, se afastou cautelosamente das premissas socialistas, em que se encontra imbuído o comunismo e procurou, muito acertadamente, a solução corporativa, doutrina nova, mas baseada em experiência antiga.

As clássicas fórmulas «Indivíduo-Estado» ou «Estado-Indivíduo» que geraram, respectivamente, os indicados sistemas individualista e socialista—atribuindo o primeiro demasiada preponderância do indivíduo sobre o Estado e o segundo excessivo domínio do Estado sobre o indivíduo—foram substituídos entre nós por uma terceira fórmula doutrinária:

«Indivíduo—Intuição—Estado».

Por este princípio base são garantidas aos cidadãos as liberdades democráticas de igualdade perante a lei, amplos direitos e garantias individuais, através dos órgãos associativos naturais: a família, a corporação e a autarquia local, isto é, através dos grupos sociais em que os indivíduos se encontram integrados pelos laços inseparáveis do sangue, da função profissional e do meio geográfico.

Cada um dos elementos que compõem o corporativismo—«Indivíduo—Intuição—Estado»—conjugam-se perfeitamente e coexistem em perfeita harmonia, cada qual dentro da sua esfera de acção, sem se atropelarem, mas antes, completando-se, servem admiravelmente esse outro trinómio base da economia corporativa: «Capital—Intuição—Trabalho». A «Intuição Corporativa» é como que a válvula reguladora das relações entre o «Indivíduo e o Estado», e ao mesmo tempo entre o «Capital e o Trabalho», o que falta aos outros dois sistemas, nos quais o indivíduo, ou perde a personalidades e se torna escravo do Estado, ou peca por excesso de liberdade e reina então a insegurança e impera a arbitrariedade, em suma: o anarquismo.

Muitas outras soluções intermédias se têm procurado ensaiar entre estes dois mundos ideológicos, mas nenhuma outra com o carácter doutrinário do corporativismo moderno e que melhor sirva aquela outra tríplice fórmula, bem caracteristicamente portuguesa, que nos serve de guia: Deus, Pátria e Família.

E me

Festas e Romagens à Senhora do Alívio

(Continuação da 1.ª página)

messas e oferecer os seus donativos para as obras do Santuário, em grande incremento.

As 15 horas (3 da tarde). RECITAÇÃO DO TERÇO, ADORAÇÃO SOLENE DO SS. MO SACRAMENTO COM PRÉGAÇÃO E EM SEGUIA DA MAGESTOSA PROCISSÃO E BENÇÃO.

No fim APÓTEOSE a Nossa Senhora do Alívio. Nos dias 8, 9 e 16 haverá confesores no Santuário para atenderem os devotos de Nossa Senhora.

A Peregrinação será precedida de novena, às 7 horas no santuário desde o dia 7 e nas freguesias do Concelho, às horas julgadas mais convenientes pelos R.ºs Párocos.

Album de coisas várias

(Continuação da 1.ª página)

Viana do Castelo, e lá passar umas férias, tendo em mira o Cabedelo, o Pinhal, o Hotel de Santa Luzia. Não se torna inú-

Santa Filomena

do pela Sra. D. Rosa Maria Veloso Ribeiro, infatigável devoto e apóstola de Santa Filomena.

Na procissão, organizada no largo fronteiriço à habitação desta bondosa Senhora, incorporaram-se as crianças de ambos os sexos e muito povo, que acompanhou cantando e rezando, a imagem de Santa Filomena, transportada em seu andor triunfal.

De Lisboa veio, propositadamente, assistir à festa, cujas despesas custou totalmente, o Snr. António de Barros Gonçalves,

natural de Proselo, com sua esposa a Senhora D. Leonilda Marques Ferreira Gonçalves e Silva—e a menina Maria Madalena Ferreira Gonçalves, que foi a Juiza da festa, que fez a comunhão solene e tocou harmonium durante a festa e o tríduo.

Os Reverendos Párocos das freguesias vizinhas associaram-se às homenagens prestadas a Santa Filomena, tomando parte activa tanto na solenidade do domingo como nos actos preparatórios, realizados nos dias anteriores.

O povo das paróquias limítrofes, assim do concelho de Amares como do de Braga, marcou a sua presença, com fé e devoção, rezando e cantando para agradecer favores e milagres já recebidos de Santa Filomena e para lhe pedir outros.

Houve quem nota-se a coincidência de se realizar esta festa em Prozelos cujo titular é São Tomé, o apóstolo céptico, e cauteloso que só acreditou na ressurreição de Cristo depois de o ter visto com os seus olhos e de o ter tocado com as suas mãos.

Todas as pessoas eclesiásticas e leigas, que foram a Proselo homenagear Santa Filomena, são seus devotos conscientemente, reflectidamente, por terem conhecimento exacto dos inúmeros favores que a celestial padroeira lhes tem concedido a elas, e aos seus parentes, conhecidos, vizinhos e amigos.

No final da festa as crianças da comunhão solene realizaram no terceiro Paroquial, uma sessão, solene em honra de Santa Filomena, como prelúdio auspicioso do Potronato, que, em Proselo vai ser fundado brevemente, para educação moral e cívica de meninas e rapazes e para que o culto da heroína celeste seja proveitoso às almas e aos corpos.

Estão em organização os respectivos estatutos para serem aprovados superiormente e já está escolhido o terreno onde será construída o edifício higiénico e apropriado ao fim almejado, que há-de albergar as crianças a educar e será um centro de irradiação e de propagação, cada vez maior do culto e da devoção a Santa Filomena.

Já há ofertas apreciáveis que a comissão organizadora aproveitou e orienta para que Santa Filomena seja cada vez mais conhecida e venerada e à sua sombra se acolha as crianças necessitadas de educação e de amparo moral e material.

logo se proceda a nova plantação.

Visitamos ainda a cidade de Benguela, a 30 quilómetros de Lobito e à noite a administração do «Vera Cruz» ofereceu um «copo de água» a centenas de convidados das cidades de Lobito e Benguela.

CONDIÇÕES de Assinatura

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre . . . 25\$00
Ano . . . 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre . . . 91\$00
Ano . . . 182\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 40\$00
Ano . . . 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre . . . 115\$00
Ano . . . 230\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 60\$00
Ano . . . 120\$00

O Périplo de África visto do «Vera Cruz»

(Continuação da 1.ª página)

dos mariscos e a «Lagoa de Panguilho», no Rio Bengo paraíso dos jacarés e tal sorte tivemos que momentos antes um caçador havia abatido 5, além dos 70 já preparados e cujas peles vendia a 400\$00 cada.

Por estradas com pó, pois os tratores a catrapilas as estão a escavar e alargar, seguimos por terrenos em que o único cultivo são as pequenas plantações indígenas de mandioca, até chegarmos à margem do Rio Danda, aonde se encontra a «Tentativa», agradável mancha de cor numa enorme planície.

Magnífica organização interna, plantações de cana de açúcar e palmeiras ordenadamente alinhadas, numa bastidão enorme. Aquilata-se da extensão tendo em conta que a fábrica de açúcar tem uma produção diária de 100 toneladas sendo toda a cana daquela plantação. Anote-se que a cana leva 3 anos a desenvolver-se e que a fábrica labora 5 meses o que dá uma produção anual de 15.000 toneladas.

Visitamos seguidamente a barragem das Mabubas, construção diferente das nossas o que aliás não surpreende pelas condições do terreno, menor e com pequena albufeira mas servida por grande caudal. A central tem duas turbinas montadas e duas em montagem receando-se que em breve não chegue para suprir o consumo de Luanda dado o seu grande desenvolvimento.

til nem desperdiçante. O veraneante, o turista, pode, de facto, passar, naqueles locais, umas boas férias e refazer energias e temperar o organismo. O que se lamenta é que a cidade não corresponda, ou melhor, que os homens que têm por dever o seu engrandecimento a procurem manter como museu ou coisa parecida e não a transformem, de facto, numa cidade à altura do ritmo progressivo dos nossos dias.

Não dissemos ainda tudo, e, por isso, continuaremos.

J. M.

Lobito

Contornada a Restringa, entramos nabaia maravilhosa que constitui o porto de Lobito. Naturalmente abrigado, bem apretechado encontra-se ainda em franco desenvolvimento.

A Restringa é uma língua de terra com 5 quilómetros de comprimento, que defende e isola o Porto, merecendo comparação com o Estoril por se achar coberta de chalés de linhas elegantes, cortada por ruas e praças modernas. Pode mesmo, nesta comparação, dar-se-lhe favoritismo.

Cidade nova, com menos de quarenta anos somente, traçada com modernismo e bom gosto possui prédios que se igualam aos melhores do continente e diferentes do tipo colonial que já vimos noutros sítios.

O Porto é fulcro do seu grande progresso ajudado pelo caminho de ferro que vai até 1.400 metros do interior e que é o escoadouro de mercadorias para consumo próprio e exportação.

A excursão foi à plantação de Casseque, de cana de açúcar, que possui uma importante fábrica cuja gerência ordenou a sua laboração, não obstante tratar-se de dia de descanso, precisamente para que a caravana pudessem observá-la em franco movimento.

Dezenas de vagões carregados com cana de açúcar e armazéns com muitos milhares de sacos. As operações vistas em minúcia desde o arrasto da matéria prima para a esmagadeira as suas lavagens e esmagamento para lhe tirar toda a sacarina, até à preparação do charope. A cristalização, evaporação a grandes temperaturas e saída para os sacos, em 3 tipos, já seco.

Os sacos são atados automaticamente e pretos, em fila indiana, transportam-nos ao enorme armazém, pronto para os mercados internos e para exportação, num ritmo de 180 toneladas por dia.

Nas enormes plantações o transporte é feito em bagonetes e mal se faz o corte

Ser avô

No baptizado da minha
segunda neta Maria Raquel

Ser avô na minha idade
É a noite olhando o dia;
Mas, Deus na sua bondade
Deu-me mais esta alegria.

São as ilusões perdidas
Nos vaivens d'anos seguidos,
Num instante renascidas
Nos quási mortos sentidos.

É reencontrar a inocência
Do primeiro alvor da vida;
É ver vir à consciência
A Paz que andava perdida.

É voltar a percorrer
Da existência os vários trilhos;
Tudo o que foi, reviver
Nos filhos dos nossos filhos.

É a certeza magnífica
Da nossa imortalidade;
Morre o corpo, a alma fica
Suspensa na Eternidade.

É sentir o coração
Bater alegre no peito;
É em sentida oração
Render a Deus nosso preito.

E' ver voltar os afectos
Que só a infância nos dá;
E no sorriso dos netos,
Quanto carinho não há...

UERBA

Junta de Freguesia DE Bouro (Santa Maria)

ANÚNCIO

A Junta de freguesia de Bouro (Santa Maria), do concelho de Amares, faz público que recebe propostas em carta fechada para as obras a realizar com a ampliação do Cemitério Paroquial.

As propostas devem ser feitas em papel selado, devidamente autenticadas.

O prazo para apresentar as mesmas, é até ao dia 20 de Setembro corrente.

As condições acham-se patentes na Secretaria da Junta, todos os dias úteis, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas.

Secretaria da Junta de freguesia, aos 28 de Agosto de 1956.

O Presidente

Manuel Augusto Barreiros

Depois da debilidade

(Continuação da 1.ª página)

prioridade pelos microorganismos do solo no seu trabalho de decomposição da palha, originando assim a cultura, e nos primeiros períodos do seu desenvolvimento, uma fome de azoto que muito a prejudicaria.

Da palha enterrada com adubos azotados resulta um efeito identico ao conseguido se se enterrassem essas mesmas palhas dedois de previamente

Não falhamos, que nunca pode falhar quem não é incerto. E de pessoal incerto não se vive em obras gigantescas como a barragem de Paradela do Rio.

E aí vai a sempre agradável notícia de que todos os nossos amarenses estão felizes... contentes... batalhadores... sempre aptos e sempre cuidadosos da sua terra, dos seus familiares e de todos quantos lhes são queridos!

* * *

Como já foi dito noutro postal, aumenta o interesse pela leitura do nosso jornal. Era um gesto simpático, uma acção bairrista, que cada um dos amarenses aqui destacados não só se inscrevessem como assinante... mas fizessem mais: — aproveitassem o entusiasmo dos seus amigos para constituir um bom núcleo de assinantes em Paradela. Da nossa parte tudo auxiliaremos.

transformadas em estrume artificial.

Por cada tonelada de palha a enterrar deve-se incorporar ao solo cerca de 6 a 12 quilos de azoto, ou seja 30 a 60 quilos de Sulfato de Amónio ou Cianamida. Deste modo, incorporando-se 5.000 quilos de palha por hectare dever-se-á utilizar, na mesma área, 150 a 300 quilos de um dos adubos acima referidos.

Postais de Paradela do Rio

* * *

Foi aqui lida, apreciada e comentada uma certa «tempestade em copo de água», travada entre Bouro e Feira Nova, ou mais propriamente, Amares. Dividiam-se opiniões. Nós ouviamos. Registamos. Conclusão: — não caiu bem. A «malta» não gosta de atritos. Fizeram votos pela extinção e esperam que não se repita «brincadeira» igual. Recomendam que nada ouviram... nada sabem... e que ninguém percebeu patavina!... E que a «culpa culpada» nunca está na pedra atirada. Eles lá sabem. E não são pessoas más. Acreditem-nos.

* * *

E a fechar: — Olhos postos na Abadia. Dentro de poucos dias um cortejo nupcial. É um filho de Bouro.

Que Deus, o Divino Operário, e a Virgem Mãe o abençoem!

Agosto, de 1956

Bernardino Ribeiro

TRIBUNA LIVRE
é distribuída em Braga,
no Quiosque Central,
Largo do Barão de São
Martinho

Folhetim da "Tribuna Livre,, — 17

A Estrada

Conto de Joaquim Montelro (Jorge)

As flores campestres, na plenitude de toda uma beleza em arrebol, produto da sombra e da frescura, pareciam gemer, sorrir, deliciosamente aceitando o beijar quente e afagante, amoroso e sedento dos insectos que sobre elas pousavam.

— Daniell

(Daniel mexeu-se, exalou um grunhido, um som qualquer). David continuou:

— Não dizes nada?!

— Que queres que diga?

— Diz-me do que ouves no ameno mexer da brisa brincando com os alfinetes dos pinheiros!...

— Tolice!

— Não gostavas de ser alto, assim muito alto como estes pinheiros? (E David olhou de soslaio para o amigo).

Daniel dava mostras de tranquilidade. Parecia estar tranquilo. Seus olhos pareciam fuzilar uma nesga de céu que se deixava ver para além duma ramada. Depois, lânguidamente, pendeu o olhar, rodou-o pela terra selvagem e cheia de vida, encaminhou-o para a cidade sobre a qual o fez parar. «Está longe», falou consigo próprio. «O quê?», perguntou-lhe uma voz invisível. «A cidade. Esteve sempre longe de ti. Nunca a possuíste nem a possuirás...», voltou a monologar. E, olhando sempre a cidade, disse para David:

— Gostava, gostava de subir... Subir... atravessar o ar, romper pelo vácuo... Gostava de procurar o céu para... o assassinar! Um doído... Um assassino... Um vagabundo dos espaços. (Bailava-lhe nos lábios um sorriso terrível, uma coisa medonha). É para ali, não é? Dizem que para ali é que fica o céu...

Fez-se silêncio. Tudo era silêncio. David sentia que o coração se lhe apertava. Sentia-o bater como nunca. Mas quis respeitar a pausa de

Daniel. Ele sabia que Daniel ia dizer mais qualquer coisa. Daniel ia continuar — e, entretanto, apenas se ouvia o sereno ramalhar do folhame dançante.

— ...O céu! O céu dos anjos e dos santos! O céu que desafia a terra! O céu assassinado!... O céu de Deus, desse Deus incomensurável, grandioso, que domina pelo silêncio! Um Deus que não conheço! Esse Deus havia abandonar seu trono de anjos e arcanjos, vir à Terra, para que todos o vissem... Viver a vida que temos cá em baixo para ser um Deus autêntico, real e visível e não apenas uma coisa abstracta... Oh! que tremenda ilusão, que cruel erutação esta em que se vive... Que fenomenal mentira, que grandiosa farsa...

David parecia, agora, sentado, uma estátua fria e marmórea. Tudo podia acontecer, tudo. E David atalhou colérico, quase fora de si:

— Não continues, por amor de Deus, por amor desse Deus que desafia! Cala-te, cala-te! Suplico-te. És um danado! (E de um salto pôs-se de pé e perante Daniel). És um destruidor, um demónio. Ouve bem: um demónio! Meu pobre Daniel! É Deus que não existe ou é o homem ou tu que o não sabe encontrar? A... (Não pôde continuar porque lhe faltou a voz...)

A mão nervosa de Daniel sufocava-o. A mão forte e ardente de Daniel apertava-lhe a garganta. David sentiu que a força lhe fugia das pernas, que os ouvidos deixavam de ouvir, que os olhos lhe doíam... Daniel apertava, apertava e a saliva corria pelos cantos da boca. David lançara as mãos ao braço de Daniel, mas estava agora completamente desamparado, vergado, pronto a estatelar-se no chão, e teve uma pequena ideia de que ouvia a voz de Daniel:

— Não te quero ouvir. Estou farto. Não quero ouvir ninguém. Ouves? Ouves? Ouves?

E sacudia David, David desamparado, quase a esborrachar-se, morto, na terra cheia de vida. Daniel tinha os olhos escancarados e era toda uma imagem aterrorizante e medonha.

x x x

A mão já não apertava. Não tinha forças. Negava-se ao acto. A mão caiu morta e Daniel, como que voltando a si, viu, na realidade, que o corpo de David caía e se lhe enroscava aos pés. E caiu de joelhos, assustado; e ergueu o amigo, e acariciou-o, e disse:

— David, David!

(Continua)

TRIBUNA Internacional

Forma de enriquecer, na Rússia

Qualquer pessoa tem possibilidade de se tornar milionária, na URSS, praticando a fraude sobre as mercadorias, pois a regulamentação em vigor dificilmente permite desmascarar os culpados—é o que se depreende do artigo publicado na «Izvestia» e assinado por Georges Theophane.

A polícia, relata o articulista, descobriu em casa de um guarda de armazém de Moscovo, 37 cadernetas, da Caixa Económica representando um capital de 480.000 rublos (2.800 contos) e grande quantidade de dinheiro, outra de diamantes e ouro. O guarda, que ganhava 600 rublos por mês (3.500 escudos), pretendeu haver acumulado aquelas riquezas juntando os trocos... Mas, prossegue Theophane, o inquérito revelou que economizava na realidade de 5 a 7 toneladas de carne por mês, fazendo chouriços com água e farinha. Noutro caso, um chefe de armazém conseguiu coleccionar automóveis, frigoríficos, casacos de peles e tapetes, vendendo arenques de segunda qualidade pelo preço dos de primeira.

A descoberta da fraude não é fácil, afirma o articulista. Assim, a qualidade da carne de porco é definida pela gordura contida entre a 6.ª e 7.ª costela, não havendo qualquer espécie de regulamentação para os enchidos. Quanto aos arenques, o regulamento estipula que os peixes pescados no Atlântico entre 1 de Outubro e 1 de Fevereiro são de 1.ª qualidade... Enfim, para a carne de vaca, os animais que tenham os músculos bem desenvolvidos são classificados na 1.ª categoria, e os outros na segunda... Os fiscais põem as mãos na cabeça...—concluiu Theophane.—

O helicóptero ao alcance de todos

«Construa o seu helicóptero!»—é o sugestivo conselho americano que o público acolheu com alvoroço. As peças necessárias para a construção do aparelho ficam mais baratas do que um automóvel pequeno e ca-

da qual pode construir o seu helicóptero com ferramentas caseiras.

O aparelho muito leve, apenas para um passageiro, não chega a pesar 93 quilos e pode suportar uma carga de 125 quilos. O helicóptero pode ser arrumado numa garagem e qualquer mecânico amador pode armá-lo com uma chave de parafusos. O helicóptero pode desenvolver uma velocidade de cruzeiro, de 96 quilómetros à hora, e gasta cerca de 4 litros de gasolina aos 32 quilómetros.

Os criadores desse modelo de helicóptero ligeiro afirmam ser esse meio de transporte aéreo o mais seguro e menos sujeito a riscos, se for exceptuado, é claro, o balão. O seu manejo é mais simples do que o da motocicleta. Não pode, no entanto, pairar nem recuar. Levanta voo e aterriza numa área de 5 metros quadrados.

Selo comemorativo da nacionalização do Canal de Suez

Os Correios Egípcios vão admitir um selo comemorativo da nacionalização do canal de Suez.

O ministro das Comunicações deve aprovar hoje o desenho desse selo especial.

Não assistirão estrangeiros ao julgamento dos grevistas de Posnan

As autoridades não concederam os vistos solicitados pelos advogados parisienses Jean-Louis Aujol e Jean Kreher, para assistirem como observadores, ao julgamento dos grevistas de Posnan. O consulado polaco em Paris, declarou que a presença de juristas estrangeiros num processo interno era inoportuna.

O Papa discursou a médicos cancerologistas

Ao receber um grupo de cancerologistas italianos e estrangeiros, que vêm tomar parte numa série de jornadas de estudo, S. S. o Papa proferiu um discurso em que salienta a gravidade das questões que se põem para os médicos, em face dos doentes atingidos pelo cancro. «Antes de mais nada, disse Pio XII, é preciso que o médico considere o homem totalmente, na sua unidade, isto é: não sómente sob o ponto de vista físico, mas também psicológico, ideológico, moral e espiritualmente falando, bem como o lugar que ocupa no seu meio social. Quais serão as consequências práticas das intervenções que tenciona efectuar? Em que medida há o direito de correr os riscos duma operação de gravidade, perigosa e comportando sacrifícios importantes? Qual será o proveito destas intervenções para o doente? Em vez de lhe impôr enfermidades penosas e permanentes, que reduzirão quase totalmente a sua actividade, não será preferível que continue a trabalhar enquanto o seu mal o permitir? Por vezes, ao contrário, a preocupação de aliviar a dor, de prolongar um pouco mais a vida, de oferecer um indispensável reconforto, explicará tratamentos custosos, cuja solução final não deixa quase esperanças.

Cada caso força o médico a uma reflexão profunda, uma verdadeira meditação, em que entrarão em linha de conta os factores de ordem humana, muito mais do que outros. Que grande responsabilidade para aquele que, tem nas suas mãos as últimas decisões! Neste ponto a ciência pura cede o lugar a uma larga, desinteressada e sensível compreensão de todos os imponderáveis afectivos, que não estão ao alcance dum espírito demasiadamente rígido. Parte da grandeza da Medicina provém desse apelo imperioso, que a força a prestar uma atenção incansável, tanto aos mais ínfimos elementos de ordem física como aos objectivos secretos e, por vezes, estranhamente poderosos, que animam a vontade dos homens.

Ao terminar, Pio XII fez votos pelo êxito dos estudos dos cancerólogos, dizendo: «Não podemos pensar sem mágoa na grande quantidade de sofrimentos que se afastariam do homem se fossem mais conhecidas a natureza íntima e as causas profundas do cancro». Acrescentou que havia que ter esperanças que o homem conseguirá não só remediar, como até acabar com o cancro, mas ainda lutar contra «a doença moral, ainda mais grave do que a doença física».—

Voltemos a Viana do Castelo com prometemos.

A conclusão sintética e rápida a que chega qualquer visitante que permaneça alguns dias em Viana, é a de que a cidade possui, como dificilmente outra beneficia, de condições naturais e vastas para a exploração turística, e daqui poder tornar-se uma das mais progressivas cidades nortenhas. Mas é Viana do Castelo uma cidade em evolução progressiva?

Não senhor. Que tem feito, que tem realizado as forças vivas sociais que superintendem aos destinos da cidade? Nada, ou quase nada. Dos muitos recursos de que dispõem para edificar um burgo em harmonia com as tradicionais riquezas—pontos de exploração suficientemente credores de valor—que se encontram latentes em seu solo, em seu ambiente, em seu clima e posição geográfica, pouco se tem orientado as inteligências que governam e dirigem, quer o progresso, quer, o levantamento social, quer os aborígenes para não falarmos já dos interesses dos que, por terem ouvido falar em Santa Luzia, nas festas da Agonia ou mesmo nas lagostas, se atiram por estradas ou vias férreas em demanda duma cidade que se nega a descobrir-se de sob um manto de sombrias e atávicas fisionomias que parecem permanecer mudas e surdas a um ritmo progressivo, que cidades com menos nome e cartaz estão desenvolvendo.

Viana do Castelo não vive em hora de progresso, como, está vivendo a cidade de Braga.

* * *

O mal não é da cidade, nem do habitante, nem do turista. O mal é da falta de visão dos homens que se encontram à frente dos seus destinos, que não sabem medir um presente para serem capazes de avaliar um futuro. Eu não sei quem está na direcção camarária. Nem isso interessa. Só o que posso dizer é que a Câmara Municipal de Viana do Castelo pouco tem realizado em benefício da cidade. A cidade mantém as mesmas ruas tortas e mal calcetadas, as mesmas congostas, as mesmíssimas vielas. Passeios em mau estado, esburacados, largos perigosamente poeirentos e grande parte do burgo mesmo em estado brávio, a pedir arranjo, melhor aproveitamento.

Nota-se que não existe um plano urbanístico. Remenda-se aqui e acolá. A cidade, conforme se nos apresenta, não nos garante continuidade de alargamento de progresso. Aquele comprimento todo de terreno onde fica o bairro dos pescadores, que segue paralelo ao mar e à estrada de Areosa, de mau cheiro e convertido em monturo, podia transformar-se numa Avenida grandiosa. A praia do Cabedelo podia dominar em toda a acepção da palavra, ser algo de belo, mas está para ali esquecida, e se é praia isso deve-se a todos aqueles que ali se deliciam no verão para apanhar o sol e beber a maresia, e montam uma ou outra barraca, como se faz em Espinho, na Foz do Douro, na Figueira da Foz...

O Cabedelo podia ser, se quizessem, o principal refúgio dos veraneantes, dos necessitados de sol e do aroma do mar, em todo o norte. Mesmo assim, é de louvar o movimento que ali se revela durante o verão, pois que o Cabedelo tem ainda uma outra riqueza: o pinhal que se liga à praia por intermédio duma encosta de areia...

Não se torna inútil visitar
(Continua na 4.ª página)

Câmara Municipal DE AMARES

Convocação

Nos termos do Art.º 31.º do Código Administrativo, convoco os Ex. mos Vogais do Conselho Municipal de Amares a comparecer no Salão Nobre do Edifício dos Passos do Concelho, no dia 12 de Setembro próximo, pelas 10 horas, a fim de se celebrar a segunda reunião ordinária do corrente ano do referido órgão administrativo.

Amares, Paços do Concelho, 29 de Agosto de 1956

O Presidente da Câmara
(Dr. Avelino Manuel da Silva)

A Companhia de Seguros "ATLAS,"

Efectua seguros em todos os ramos. No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada Companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente, nesta Vila Snr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros.

Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género.

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 2526 BRAGA

Visado pela censura